

O colapso do sionismo



Por ILAN PAPPÉ*

Quer as pessoas acolham a ideia ou a temam, o colapso de Israel tornou-se previsível. Esta possibilidade deve informar a conversa de longo prazo sobre o futuro da região

1.

O ataque do Hamas em 7 de outubro pode ser comparado a um terremoto que atinge um prédio antigo. As rachaduras já estavam começando a aparecer, mas agora são visíveis em suas próprias fundações. Mais de 120 anos após seu início, o projeto sionista na Palestina - a ideia de impor um estado judeu a um país árabe, muçulmano e do Oriente Médio - poderia estar enfrentando a perspectiva de colapso?

Historicamente, uma infinidade de fatores pode fazer um estado naufragar. Pode resultar de ataques constantes de países vizinhos ou de uma guerra civil crônica. Pode seguir o colapso de instituições públicas, que se tornam incapazes de fornecer serviços aos cidadãos. Muitas vezes, começa como um lento processo de desintegração que ganha força e então, em um curto período de tempo, derruba estruturas que antes pareciam sólidas e firmes.

A dificuldade está em identificar os primeiros indicadores. Aqui, argumentarei que eles estão mais claros do que nunca no caso de Israel. Estamos testemunhando um processo histórico - ou, mais precisamente, o início de um - que provavelmente culminará na queda do sionismo. E, se meu diagnóstico estiver correto, então também estamos entrando em uma conjuntura particularmente perigosa. Pois, uma vez que Israel perceba a magnitude da crise, ele liberará uma força feroz e desinibida para tentar contê-la, como fez o regime de apartheid sul-africano durante seus últimos dias.

2.

Um primeiro indicador é *a fratura da sociedade judaica israelense*. Atualmente, ela é composta por dois campos rivais que não conseguem encontrar um ponto em comum. A fratura decorre das anomalias da definição do judaísmo como nacionalismo. Embora a identidade judaica em Israel às vezes tenha parecido pouco mais do que um assunto de debate teórico entre facções religiosas e seculares, ela agora se tornou uma luta sobre o caráter da esfera pública e do próprio estado. Isso está sendo combatido não apenas na mídia, mas também nas ruas.

Um campo pode ser denominado "Estado de Israel". Ele compreende judeus europeus mais seculares, liberais e principalmente, mas não exclusivamente, de classe média e seus descendentes, que foram fundamentais no estabelecimento do estado em 1948 e permaneceram hegemônicos dentro dele até o final do século passado. Não se engane, sua defesa de "valores democráticos liberais" não afeta seu comprometimento com o sistema de *apartheid* que é

a terra é redonda

imposto, de várias maneiras, a todos os palestinos que vivem entre o Rio Jordão e o Mar Mediterrâneo. Seu desejo básico é que os cidadãos judeus vivam em uma sociedade democrática e pluralista da qual os árabes sejam excluídos.

O outro campo é o “Estado da Judeia”, que se desenvolveu entre os colonos da Cisjordânia ocupada. Ele desfruta de níveis crescentes de apoio dentro do país e constitui a base eleitoral que garantiu a vitória de Benjamin Netanyahu nas eleições de novembro de 2022. Sua influência nos escalões superiores do exército israelense e dos serviços de segurança está crescendo exponencialmente. O Estado da Judeia quer que Israel se torne uma teocracia que se estenda por toda a Palestina histórica.

Para conseguir isso, está determinado a reduzir o número de palestinos ao mínimo, e está contemplando a construção de um Terceiro Templo no lugar de al-Aqsa. Seus membros acreditam que isso os capacitará a renovar a era de ouro dos Reinos Bíblicos. Para eles, os judeus seculares são tão heréticos quanto os palestinos se eles se recusarem a participar desse esforço.

Os dois campos começaram a se chocar violentamente antes de 7 de outubro. Nas primeiras semanas após o ataque, eles pareceram deixar de lado suas diferenças diante de um inimigo comum. Mas isso era uma ilusão. A luta de rua reacendeu, e é difícil vislumbrar o que poderá possivelmente trazer uma reconciliação. O resultado mais provável já está se desenrolando diante de nossos olhos. Mais de meio milhão de israelenses, representando o Estado de Israel, deixaram o país desde outubro, uma indicação de que o país está sendo engolido pelo Estado da Judeia. Este é um projeto político que o mundo árabe, e talvez até mesmo o mundo em geral, não tolerará a longo prazo.

3.

O segundo indicador é a *crise econômica de Israel*. A classe política não parece ter nenhum plano para equilibrar as finanças públicas em meio a conflitos armados perpétuos, além de se tornar cada vez mais dependente da ajuda financeira americana. No último trimestre do ano passado, a economia caiu quase 20%; desde então, a recuperação tem sido frágil. A promessa de Washington de US\$ 14 bilhões dificilmente reverterá isso. Pelo contrário, o fardo econômico só piorará se Israel seguir adiante com sua intenção de entrar em guerra com o Hezbollah enquanto aumenta a atividade militar na Cisjordânia, em um momento em que alguns países - incluindo Turquia e Colômbia - começaram a aplicar sanções econômicas.

A crise é ainda mais agravada pela incompetência do Ministro das Finanças Bezalel Smotrich, que constantemente canaliza dinheiro para assentamentos judaicos na Cisjordânia, mas parece incapaz de administrar seu departamento. O conflito entre o Estado de Israel e o Estado da Judeia, juntamente com os eventos de 7 de outubro, está, entretanto, fazendo com que parte da elite econômica e financeira mova seu capital para fora do estado. Aqueles que estão considerando realocar seus investimentos constituem uma parte significativa dos 20% dos israelenses que pagam 80% dos impostos.

4.

O terceiro indicador é o *crescente isolamento internacional de Israel*, à medida que ele gradualmente se torna um estado pária. Esse processo começou antes de 7 de outubro, mas se intensificou desde o início do genocídio. Ele é refletido pelas posições sem precedentes adotadas pela Corte Internacional de Justiça e pelo Tribunal Penal Internacional. Anteriormente, o movimento global de solidariedade à Palestina foi capaz de galvanizar as pessoas para participar de iniciativas de boicote, mas falhou em avançar a perspectiva de sanções internacionais. Na maioria dos países, o apoio a Israel permaneceu inabalável entre o *establishment* político e econômico.

Neste contexto, as recentes decisões da Corte Internacional de Justiça e do Tribunal Penal Internacional - de que Israel

a terra é redonda

pode estar cometendo genocídio, de que deve interromper sua ofensiva em Rafah, de que seus líderes devem ser presos por crimes de guerra - devem ser vistas como uma tentativa de atender às opiniões da sociedade civil global, em vez de meramente refletir a opinião da elite. Os tribunais não aliviaram os ataques brutais ao povo de Gaza e da Cisjordânia. Mas contribuíram para o crescente coro de críticas dirigidas ao estado israelense, que cada vez mais vêm de cima assim como de baixo.

5.

O quarto indicador interconectado é *a mudança radical entre os jovens judeus ao redor do mundo*. Após os eventos dos últimos nove meses, muitos agora parecem dispostos a abandonar sua conexão com Israel e o sionismo e participar ativamente do movimento de solidariedade palestina. Comunidades judaicas, particularmente nos EUA, já forneceram a Israel imunidade efetiva contra críticas. A perda, ou pelo menos a perda parcial, desse apoio tem grandes implicações para a posição global do país.

O AIPAC (Comitê Americano de Assuntos Públicos de Israel) ainda pode contar com sionistas cristãos para fornecer assistência e reforçar seus membros, mas não será a mesma organização formidável sem um eleitorado judeu significativo. O poder do lobby está se desgastando.

6.

O quinto indicador é *a fraqueza do exército israelense*. Não há dúvida de que a IDF continua sendo uma força poderosa com armamento de ponta à sua disposição. No entanto, suas limitações foram expostas em 7 de outubro. Muitos israelenses sentem que os militares foram extremamente afortunados, pois a situação poderia ter sido muito pior se o Hezbollah tivesse se juntado a um ataque coordenado.

Desde então, Israel mostrou que depende desesperadamente de uma coalizão regional, liderada pelos EUA, para se defender do Irã, cujo ataque de advertência em abril viu a implantação de cerca de 170 drones, além de mísseis balísticos e guiados. Mais do que nunca, o projeto sionista depende da entrega rápida de enormes quantidades de suprimentos dos americanos, sem os quais não poderia nem mesmo lutar contra um pequeno exército de guerrilha no sul.

Há agora uma percepção generalizada do despreparo de Israel e da incapacidade de se defender entre a população judaica do país. Isso levou a uma grande pressão para remover a isenção militar para judeus ultraortodoxos - em vigor desde 1948 - e começar a recrutá-los aos milhares. Isso dificilmente fará muita diferença no campo de batalha, mas reflete a escala de pessimismo sobre o exército - o que, por sua vez, aprofundou as divisões políticas dentro de Israel.

7.

O indicador final é *a renovação de energia entre a geração mais jovem de palestinos*. Ela é muito mais unida, organicamente conectada e clara sobre suas perspectivas do que a elite política palestina. Dado que a população de Gaza e da Cisjordânia está entre as mais jovens do mundo, esta nova coorte terá uma influência imensa sobre o curso da luta de libertação.

As discussões que ocorrem entre os grupos palestinos jovens mostram que eles estão preocupados em estabelecer uma organização genuinamente democrática - seja uma OLP renovada, ou uma completamente nova - que buscará uma visão de emancipação que é antitética à campanha da Autoridade Palestina por reconhecimento como um Estado. Eles parecem favorecer uma solução de um estado ao invés do desacreditado modelo de dois estados.

a terra é redonda

Eles serão capazes de montar uma resposta eficaz ao declínio do sionismo? Esta é uma pergunta difícil de responder. O colapso de um projeto de estado nem sempre é seguido por uma alternativa mais brilhante. Em outros lugares do Oriente Médio - na Síria, Iêmen e Líbia - vimos quão sangrentos e prolongados os resultados podem ser. Neste caso, seria uma questão de descolonização, e o século anterior mostrou que as realidades pós-coloniais nem sempre melhoraram a condição colonial. Somente a agência dos palestinos pode nos mover na direção certa.

Acredito que, mais cedo ou mais tarde, uma fusão explosiva desses indicadores resultará na destruição do projeto sionista na Palestina. Quando isso acontecer, devemos esperar que um movimento de libertação robusto esteja lá para preencher o vazio. Por mais de 56 anos, o que foi chamado de "processo de paz" - um processo que não levou a lugar nenhum - foi, na verdade, uma série de iniciativas americano-israelenses às quais os palestinos foram convidados a se manifestar.

Hoje, a "paz" deve ser substituída pela descolonização, e os palestinos devem ser capazes de articular sua visão para a região, com os israelenses convidados a se manifestar. Isso marcaria a primeira vez, pelo menos em muitas décadas, que o movimento palestino assumiria a liderança na definição de suas propostas para uma Palestina pós-colonial e não sionista (ou qualquer outro nome da nova entidade).

Ao fazer isso, provavelmente olhará para a Europa (talvez para os cantões suíços e o modelo belga) ou, mais apropriadamente, para as velhas estruturas do Mediterrâneo oriental, onde grupos religiosos secularizados se transformaram gradualmente em grupos etnoculturais que viviam lado a lado no mesmo território.

Quer as pessoas acolham a ideia ou a temam, o colapso de Israel tornou-se previsível. Esta possibilidade deve informar a conversa de longo prazo sobre o futuro da região. Será forçado a entrar na agenda à medida que as pessoas perceberem que a tentativa de um século, liderada pela Grã-Bretanha e depois pelos EUA, de impor um estado judeu a um país árabe está lentamente chegando ao fim.

Foi bem-sucedida o suficiente para criar uma sociedade de milhões de colonos, muitos deles agora de segunda e terceira geração. Mas sua presença ainda depende, como aconteceu quando chegaram, de sua capacidade de impor violentamente sua vontade a milhões de nativos, que nunca desistiram de sua luta por autodeterminação e liberdade em sua terra natal.

Nas próximas décadas, os colonos terão que abandonar essa abordagem e mostrar sua disposição de viver como cidadãos iguais em uma Palestina libertada e descolonizada.

***Ilan Pappé**, historiador israelense, é professor da University of Exeter (UK). Autor, entre outros livros, de *A limpeza étnica da Palestina* (*Sundermann*). [<https://amzn.to/4cfeCoj>]

Tradução: **Samuel Kilsztajn**.

Publicado originalmente no blog da [New Left Review](#).

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

CONTRIBUA